ISSN: 2358-8829

A AVALIAÇÃO ESCOLAR: ADAPTAR PARA INCLUIR OS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Zélia Maria de Lima Silva[1]
Yrany Lúcio Gomes Leite[2]
Orientadora: Rozineide Iraci Pereira da Silva[3]

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir das inquietações da mensuração do desenvolvimento dos estudantes da educação especial. O objetivo geral de verificar a proposta avaliativa dos estudantes da educação especial com um olhar da educação inclusiva. E os seguintes objetivos específicos: identificar as técnicas e metodologias que os professores utilizam na prática para avaliar o desenvolvimento da leitura e escrita dos estudantes da educação especial; conhecer as dificuldades e os desafios que os professores enfrentam em sala de aula diante da adaptação das atividades avaliativas dos estudantes com deficiência; entender as políticas públicas específicas dos estudantes da educação especial. Para desenvolver este estudo, foi utilizada uma pesquisa de campo com professores atuantes na área com procedimentos bibliográficos, documental com uma abordagem qualitativa de natureza básica. Os dados para análise foram obtidos através de um questionário semiestruturado aplicado aos professores dos anos iniciais do ensino fundamental, as análises de dados estão demonstradas através de quadros e fundamentadas com autores de bases sobre adaptação da avaliação escolar. Os resultados apontam que as professoras não consegue adaptar as avaliações internas dos estudantes, pois relataram que precisam de suporte de formação contínua para entender de como mensurar o processo de desenvolvimento do público da educação especial. As conclusões sobre o estudo realizado apontou que trabalhar a avaliação escolar diante dos jogos adaptados é um dos caminhos para avaliar o desempenho do aluno, é um processo desafiador, mas que traz resultados enquanto dinamiza o processo de avaliar a aquisição do discente da educação especial com a visão da inclusão acadêmica.

Palavras-chave: Avaliação, Inclusão, Educação especial, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A avaliação escolar constitui elemento fundamental do processo educativo, especialmente quando compreendida como instrumento de acompanhamento da aprendizagem e de reorganização das práticas pedagógicas. No contexto da Educação Especial na perspectiva inclusiva, entretanto, práticas avaliativas padronizadas podem produzir barreiras à participação e à demonstração das aprendizagens.

[1]Mestranda em educação da Christian Business School-CBS, limazeliamaria247@gmail.com;
[2]Mestranda em educação da Christian Business School-CBS, yrany-leite88@hotmail.com;
[3]Professora orientadora: Doutora em educação pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL, neide-silva96@hotmail.com.

A educação inclusiva representa um compromisso com o direito de todos os estudantes à escolarização, à participação e à aprendizagem. Entretanto, garantir a matrícula na escola comum não é suficiente para assegurar inclusão educacional. É necessário que as práticas pedagógicas, curriculares e avaliativas sejam organizadas de modo a enfrentar as barreiras que dificultam a participação dos estudantes público-alvo da Educação Especial.

Nesse contexto, a avaliação escolar assume papel central. Tradicionalmente associada à classificação, à atribuição de notas e à verificação de resultados, a avaliação pode assumir função formativa quando utilizada para compreender o percurso de aprendizagem e orientar intervenções pedagógicas. Souza e Macedo (2012) discutem a avaliação da aprendizagem e a inclusão escolar a partir da valorização da singularidade do estudante, defendendo que a diferença não deve ser convertida em justificativa para práticas excludentes.

A questão torna-se particularmente relevante diante da diversidade existente nas salas de aula. Estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista (TEA), deficiência intelectual, deficiência visual, deficiência auditiva e outras condições podem necessitar de diferentes recursos e formas de acesso às atividades.

Uma avaliação fundamentada exclusivamente em provas escritas, tempo rígido e respostas padronizadas pode não revelar adequadamente os conhecimentos construídos. Assim, o problema deste estudo é: como adaptar as práticas de avaliação escolar para garantir a participação e a demonstração das aprendizagens dos estudantes público-alvo da Educação Especial?

O objetivo geral é verificar a proposta avaliativa dos estudantes da educação especial com um olhar da educação inclusiva. Como objetivos específicos, busca-se identificar as técnicas e metodologias que os professores utilizam na prática para avaliar o desenvolvimento da leitura e escrita dos estudantes da educação especial; conhecer as dificuldades e os desafios que os professores enfrentam em sala de aula diante da adaptação das atividades avaliativas dos estudantes com deficiência; entender as políticas públicas específicas dos estudantes da educação especial.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, documental e pesquisa de campo, de abordagem qualitativa e natureza básica. A escolha dessa

abordagem decorre da necessidade de compreender como a produção acadêmica tem discutido a avaliação da aprendizagem em contextos de Educação Especial e inclusão escolar, buscando aproximar conceitos teóricos de situações e decisões que fazem parte do cotidiano docente. A revisão bibliográfica tem dupla função: mapeia o estado da arte sobre o tema e oferece embasamento teórico consistente para o desenvolvimento da pesquisa. Além disso, possibilita a identificação de lacunas do conhecimento, tendências teóricas emergentes e divergências conceituais que possam orientar futuras investigações. (Severino, 2016, p. 131).

Os dados para análise foram obtidos através de um questionário semiestruturado aplicado aos professores dos anos iniciais do ensino fundamental, as análises de dados estão demonstradas através de quadros e fundamentadas com autores de bases sobre adaptação da avaliação escolar. O pesquisador ao construir seu conhecimento deve aplicar os pressupostos epistemológicos e utilizar recursos metodológicos e técnicos pertinentes e compatíveis com o paradigma que casa com esses pressuposto (Severino, 2016, p. 106).

REFERENCIAL TEÓRICO

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

A avaliação da aprendizagem precisa ser compreendida como parte integrante do processo pedagógico. Em uma perspectiva formativa, seus resultados não servem somente para classificar, mas para produzir informações que orientem a intervenção docente e favoreçam o desenvolvimento dos estudantes.

Souza e Macedo (2012) ressaltam a importância de considerar a singularidade do estudante no processo avaliativo, articulando-a à coletividade escolar. Essa compreensão é especialmente significativa na Educação Especial, pois impede que dificuldades específicas sejam interpretadas como incapacidade global.

Luckesi (2011) compreende a avaliação como ato investigativo que subsidia decisões pedagógicas. A partir dessa perspectiva, avaliar significa conhecer a situação de aprendizagem para intervir de maneira adequada.

Para uma escola inclusiva, portanto, a avaliação precisa responder não somente ao que o estudante conseguiu realizar, mas também às condições que foram disponibilizadas para que pudesse aprender. Isso implica considerar currículo, metodologia, recursos, acessibilidade, mediação, tempo e formas de comunicação.

A avaliação inclusiva desloca o foco exclusivo do déficit para uma análise das relações entre estudante e contexto. Dessa maneira, o professor pode identificar quais

barreiras precisam ser removidas e quais estratégias devem ser mantidas ou reorganizadas.

Avaliar não deveria significar apenas verificar o que foi acertado ao final de uma atividade. Avaliar é produzir informações que ajudem o professor a compreender onde o estudante está, quais avanços já realizou e quais caminhos podem favorecer novos aprendizados. Essa compreensão aproxima-se de Luckesi (2011), para quem a avaliação precisa subsidiar decisões pedagógicas.

Na perspectiva inclusiva, essa lógica ganha uma dimensão ainda mais importante: antes de concluir que um estudante não aprendeu, é preciso perguntar se ele teve acesso ao conteúdo, se compreendeu a proposta, se o recurso utilizado era adequado, se o tempo foi suficiente e se teve oportunidade de expressar seu conhecimento. A mudança parece simples, mas altera profundamente a prática.

Souza e Macedo (2012) contribuem para essa reflexão ao defenderem a singularidade como elemento importante da avaliação. Reconhecer a singularidade não significa criar expectativas menores. Significa compreender que estudantes diferentes podem necessitar de caminhos diferentes para chegar a aprendizagens significativas.

A adaptação precisa começar pelo objetivo. Primeiro, o professor define com clareza o que pretende avaliar. Em seguida, analisa quais barreiras podem impedir que o estudante demonstre esse conhecimento e escolhe os apoios necessários. Esse movimento torna a adaptação mais intencional e evita mudanças aleatórias.

Entre as possibilidades estão a ampliação do tempo; a segmentação de instruções; o uso de linguagem mais objetiva; apoio visual; leitura dos enunciados; recursos de comunicação; tecnologia assistiva; materiais concretos; ambientes com menor quantidade de estímulos; e diferentes formas de resposta. O que muda é o caminho de acesso e expressão, não necessariamente o objetivo curricular.

Também é importante diversificar instrumentos. Portfólios, projetos, observação sistemática, registros pedagógicos, atividades práticas, apresentações, autoavaliação e rubricas podem complementar ou, em determinadas situações, substituir uma prova tradicional. A escolha deve considerar o que realmente permite observar a aprendizagem.

A avaliação pode favorecer a inclusão quando reconhece diferentes formas de aprendizagem e expressão; entretanto, pode produzir exclusão quando estabelece um único padrão de desempenho.

Oliveira, Munster e Gonçalves (2019), em revisão sistemática da literatura internacional, identificam a relação entre o Desenho Universal para a Aprendizagem e práticas de educação inclusiva. As autoras destacam a oferta de múltiplos meios de engajamento, representação, ação e expressão como possibilidade de enfrentamento às barreiras educacionais.

A padronização excessiva pode privilegiar estudantes que respondem rapidamente, escrevem com facilidade ou se adaptam ao formato tradicional da prova. Outros estudantes podem dominar o conteúdo, mas apresentar barreiras para demonstrá-lo naquele formato.

Assim, adaptar a avaliação não significa necessariamente reduzir os objetivos curriculares. Significa, sobretudo, garantir acessibilidade e condições equitativas para que o conhecimento seja demonstrado. A avaliação deve, portanto, ser planejada considerando a diversidade desde o início. Quanto mais flexível e acessível for o planejamento, menor será a necessidade de adaptações posteriores e isoladas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A avaliação pode favorecer a inclusão quando reconhece diferentes formas de aprendizagem e expressão; entretanto, pode produzir exclusão quando estabelece um único padrão de desempenho. Como aponta a entrevista aos professores no quadro a seguir:

Quadro 1- As adaptações dos instrumentos avaliativos são importantes para o desenvolvimento dos estudantes com deficiência?

PROFESSORES	RESPOSTAS
P1	Sim, pois as adaptações avaliativas devem ser planejadas de acordo com as necessidades e potencialidades do estudante. Entre as possibilidades estão a ampliação do tempo, adequação da linguagem, utilização de recursos visuais, apoio tecnológico, materiais acessíveis e diversificação das formas de resposta.
P2	A adaptação do tempo pode beneficiar estudantes que necessitam de maior período para processar informações, organizar respostas ou utilizar recursos de comunicação. A adaptação da linguagem pode envolver enunciados objetivos, segmentação das instruções, exemplos e apoio visual. Padronizar é diferente de adaptar, preciso

	conhecer as barreiras do meu estudante para poder adaptar a proposta curricular.
P3	A avaliação adaptada é possível utilizar portfólios, observação sistemática, projetos, apresentações, atividades práticas, autoavaliação, e registros pedagógicos. A diversificação dos instrumentos permite obter informações mais amplas sobre o percurso do estudante com deficiência.
P4	É de suma importância, contudo, distinguir adaptação de acesso de redução de expectativas. Uma questão pode ser apresentada com recursos visuais ou por meio digital e manter o mesmo objetivo cognitivo. O que se modifica é a barreira de acesso, e não necessariamente aquilo que se pretende ensinar, avaliar no cotidiano a partir de pranchas visuais adaptadas é um dos pontos de partida da avaliação escolar adaptada.
P5	A avaliação processual também merece destaque. O acompanhamento contínuo possibilita identificar pequenos avanços e orienta as intervenções antes que dificuldades se consolidem, adaptar necessita de observação continua para construir meios avaliativos positivo para o desenvolvimento cognitivo de cada estudante.

Fonte: Elaborada pelas autoras, 2026.

Segundo os professores a padronização excessiva pode privilegiar estudantes que respondem rapidamente, escrevem com facilidade ou se adaptam ao formato tradicional da prova. Outros estudantes podem dominar o conteúdo, mas apresentar barreiras para demonstrá-lo naquele formato. Assim, adaptar a avaliação não significa necessariamente reduzir os objetivos curriculares. Significa, sobretudo, garantir acessibilidade e condições equitativas para que o conhecimento seja demonstrado.

A avaliação deve, portanto, ser planejada considerando a diversidade desde o início. Quanto mais flexível e acessível for o planejamento, menor será a necessidade de adaptações posteriores e isoladas.

Também emerge um desafio institucional. Uma prática avaliativa inclusiva não depende apenas da boa vontade individual do professor. Ela requer tempo para planejamento, formação continuada, trabalho colaborativo, acesso a recursos e uma cultura escolar que valorize a diversidade. A formação docente discutida por Zerbato e Mendes (2021) mostra justamente que a transformação das práticas precisa ser acompanhada de espaços de reflexão e colaboração.

Outro aspecto importante é não confundir inclusão com uniformidade. Uma escola inclusiva pode trabalhar com objetivos comuns e, ao mesmo tempo, reconhecer diferentes percursos, recursos e formas de expressão.

A equidade está justamente em oferecer condições diferentes quando elas são necessárias para garantir participação e aprendizagem. As pesquisas sobre formação docente mostram, por sua vez, que tais princípios precisam estar articulados ao desenvolvimento profissional e ao trabalho colaborativo (Zerbato; Mendes, 2021).

Quadro 2- Como você adapta as avaliações internas dos estudantes com deficiência?

PROFESSORES	RESPOSTAS
P1	Não adapto, pois precisamos de formação continuada para aprender desenvolver técnicas avaliativas com estudantes com deficiência.
P2	Utilizo jogos pedagógicos, pranchas visuais, mas necessito de suporte de formação continuada na área de adaptar as avalições escolares.
P3	Acredito que estou no caminho certo, pois utilizo jogos pedagógicos com imagens para facilitar a compreensão do estudante com deficiência, pois o caminho da adaptação acredito que é a partir de jogos que busque a atenção e compreensão da individualidade do estudante.
P4	Utilizo pranchas visuais, soroban, ábaco, caça palavras, jogos da forca adaptado para os estudantes com TEA e TDAH.
P5	O caminho da avaliação adaptada acredito que é a partir de jogos pedagógicos que chame a atenção e o foco dos estudantes para realizar as atividades propostas, porém falta formação continuada adequada para nós professores, pois adaptamos diante da observação do atendimento individualizado em parceria com as professoras do AEE.

Fonte: Elaborada pelas autoras, 2026.

Segundo as professoras entrevistas, fica notável que investir em formação continuada, focada na adaptação da avaliação escolar dos estudantes com deficiência é um dos primeiros passos para o desenvolvimento da aprendizagem diante da proposta curricular. Souza e Macedo (2012) evidenciam a relevância da singularidade no processo avaliativo.

Transformar a avaliação é, portanto, transformar a cultura da escola. É reconhecer que todos podem aprender, embora nem todos aprendam do mesmo modo, no mesmo tempo ou utilizando os mesmos recursos. Quando essa compreensão passa a orientar o cotidiano escolar, a avaliação deixa de ser uma barreira e passa a cumprir uma função essencial, entretanto ajudar a ensinar melhor para que todos possam aprender de forma prazerosa. A avaliação inclusiva exige planejamento, flexibilidade e sensibilidade

pedagógica. Exige que o professor observe não apenas a resposta do estudante, mas também o caminho percorrido até ela. Exige reconhecer avanços, identificar barreiras e criar novas oportunidades para aprender. A análise evidencia que a avaliação inclusiva deve superar uma perspectiva exclusivamente classificatória e considerar o percurso individual de aprendizagem, as potencialidades dos estudantes e as barreiras presentes no contexto escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Transformar a avaliação é, portanto, transformar uma parte significativa da própria cultura escolar. Quando a escola avalia para compreender, acompanhar e intervir, a avaliação deixa de ser mecanismo de exclusão e passa a funcionar como instrumento de aprendizagem e inclusão.

Entretanto, fica evidente que discutir avaliação escolar é discutir que tipo de escola queremos construir. Se a avaliação serve apenas para classificar, ela tende a reforçar diferenças já existentes. Quando é utilizada para compreender, acompanhar e intervir, pode se tornar uma das ferramentas mais importantes da inclusão, fortalecendo a acessibilidade de todos diante do seu desenvolvimento educacional.

A avaliação inclusiva exige planejamento, flexibilidade e sensibilidade pedagógica. Exige que o professor observe não apenas a resposta do estudante, mas também o caminho percorrido até ela. Exige reconhecer avanços, identificar barreiras e criar novas oportunidades para aprender.

Conclui-se que adaptar a avaliação não é reduzir o estudante nem diminuir o currículo. É retirar barreiras que não fazem parte do objetivo que se pretende avaliar. É permitir que diferentes estudantes tenham diferentes caminhos para demonstrar aprendizagens significativas. Nesse sentido, uma avaliação verdadeiramente inclusiva não pergunta apenas quanto o estudante acertou. Pergunta também quais condições foram oferecidas, quais avanços foram construídos e quais decisões pedagógicas precisam ser tomadas a partir das evidências.

Os resultados apontam que as professoras não conseguem adaptar as avaliações internas dos estudantes, pois relataram que precisam de suporte de formação contínua para entender de como mensurar o processo de desenvolvimento do público da educação

especial. As conclusões sobre o estudo realizado apontaram que trabalhar a avaliação escolar diante dos jogos adaptados é um dos caminhos para avaliar o desempenho do aluno, é um processo desafiador, mas que traz resultados enquanto dinamiza o processo de avaliar a aquisição do discente da educação especial com a visão da inclusão acadêmica.

REFERÊNCIAS

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Amália Rebouças de Paiva e; MUNSTER, Mey de Abreu van; GONÇALVES, Adriana Garcia. **Desenho Universal para Aprendizagem e Educação Inclusiva: uma revisão sistemática da literatura internacional.** Revista Brasileira de Educação Especial, v. 25, n. 4, p. 675-690, 2019.

SOUZA, Ana Maria de Lima; MACEDO, Marasella del Cármen Silva Rodrigues. **Avaliação da aprendizagem e inclusão escolar: a singularidade a serviço da coletividade.** Psicologia Escolar e Educacional, 2012.

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. **O desenho universal para a aprendizagem na formação de professores: da investigação às práticas inclusivas.** Educação e Pesquisa, v. 47, e233730, 2021. DOI: 10.1590/S1678-4634202147233730.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.